

Ascensão e Profissionalização da Terapêutica Alternativa no Rio de Janeiro (Anos 80-90)*

FÁTIMA REGINA GOMES TAVARES**

RESUMO

O trabalho pretende mostrar o processo de formação e consolidação de uma rede profissional que se origina no bojo do movimento de proliferação das terapias alternativas. Nos anos 80, *boom* do movimento esotérico, iremos assistir a uma valorização da questão terapêutica no conjunto das diferentes práticas e vivências dos adeptos desse universo. A consolidação dessa tendência, verificada ao longo da década de 90, aponta para uma autonomização da terapêutica alternativa em relação ao seu universo de origem (esotérico-alternativo) e sua interação com outros saberes terapêuticos inscritos na nossa tradição cultural.

Palavras-chave: Terapias alternativas; religião; Movimento Nova Era; sociologia das profissões.

* Versão modificada de trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998. Neste artigo apresento, de forma sintética, uma das questões desenvolvidas na minha tese de doutorado. Ver Tavares (1998).

** Doutora em Sociologia. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

ABSTRACT

Increase and professionalization of the alternative therapeutic network in Rio de Janeiro (from the 80's to the 90's)

The purpose of this article is to offer an analysis of a professional network that comes from the movement of proliferation of alternative therapies. The 80's are marked by an increase in the esoteric movement, and we will see the valorization of the therapeutic matter in the practices and lives of those who followed this universe. The consolidation of this tendency, during the 90's, indicates an increasing autonomy of alternative therapies in relation to their original universe (esoteric) and their interaction with other types of therapeutical knowledge in our cultural tradition.

Keywords: Alternative therapies; religion; New Era Movement; sociology of professions.

RÉSUMÉ

Croissance et professionnalisation du réseau thérapeutique alternatif à Rio de Janeiro (années 80-90)

Cet article présente le processus de formation et consolidation d'un réseau professionnel qui est né pendant le mouvement de prolifération des thérapies alternatives. Les années 80 sont marquées par l'ascension du mouvement esothérique, où nous pouvons observer une valorisation de la question thérapeutique parmi les différentes pratiques des adeptes de cet univers. La consolidation de cette tendance, pendant les années 90, montre une autonomisation de la thérapeutique alternative en relation à leur univers d'origine (alternatif), bien que leur interaction avec d'autres savoirs thérapeutiques inscrits dans notre tradition culturelle.

Mots-clé: Thérapies alternatives; religion; Mouvement Nouvel Age; sociologie des professions.

Recebido em 21/12/98.

Aprovado em 24/02/99.

Introdução

A ascensão crescente, nos últimos 30 anos, do que se convencionou designar de “medicinas paralelas”, “doces”, ou ainda “naturais”, é um acontecimento que ganha contornos que extrapolam os locais de sua origem (Laplantine & Rabeyron, 1989; Zimmermann, 1995). Pode ser observado não somente nos países capitalistas desenvolvidos, como Estados Unidos e os da Europa ocidental, mas também nos do Terceiro Mundo. Apesar da extrema heterogeneidade de contextos culturais, esse fenômeno parece não conhecer fronteiras: novas técnicas terapêuticas surgem a cada momento em países distantes, para logo em seguida serem absorvidas e reelaboradas sem muita dificuldade em outros contextos sociais, estabelecendo uma espécie de rede mundial onde as informações circulam e são transpostas, a despeito das diferenças e das possíveis dificuldades de implementação no âmbito local.

Inserindo-se nesse movimento de exportação e recombinação crescentes, proliferam no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades brasileiras outras medicinas, sistemas e práticas terapêuticas que vêm concorrendo com o campo estruturado e hegemônico pela medicina oficial, compondo, atualmente, uma rede¹ bastante extensa e diversificada de profissionais (Magnani, 1996; Tavares, 1998).

Neste artigo é abordada a dinâmica de consolidação dessa rede nos anos 90 e são apresentados alguns elementos para uma compreensão diacrônica desse processo, iniciado na década de 70². A rede terapêutica alternativa é composta atualmente por um conjunto heterogêneo de terapeutas, oriundos

¹ A utilização da noção de rede tem por finalidade enfatizar o aspecto dinâmico e a multiplicidade de formas de interação possíveis entre indivíduos, ou entre indivíduos e grupos, quando sua identidade coletiva é difusa, muito heterogênea ou problemática. Champion utiliza a noção de redes na caracterização do conceito, por ela desenvolvido, de “nebulosa místico-esotérica” (cf. Champion, 1989: 156). A circulação dos agentes na rede toma, em geral, como Soares observou, a forma de uma “errância”. Ver Soares (1994: 207). Werdner Maluf utiliza a noção de circuito, em sua tese sobre o movimento terapêutico neo-religioso em Porto Alegre. Ver Werdner Maluf (1996). A noção de rede tem a vantagem de ser propositalmente vaga, como a noção de alternativo.

² Além de entrevistas com profissionais da área e de observação participante, a pesquisa também incorporou uma análise detalhada de seis títulos dessa imprensa alternativa: *Ganeshu, Alvorecer, Essência Vital, Pêndulo, Homeopatia & Vida e Universus*. Outros títulos também foram analisados, embora de forma não tão sistemática quanto os anteriores, devido ao pouco número de exemplares obtidos. Além disso, diversos *folders*, panfletos, programas e material de propaganda em geral foram computados como uma fonte importante de dados.

de diferentes camadas sociais, com uma trajetória profissional diversificada — e que trabalham com um conjunto de técnicas e procedimentos terapêuticos muito amplo e diferenciado, quase sempre articulados segundo uma disposição particular, conferida pelo profissional que as ministra. Enfim, eles representam um segmento expressivo, embora nem sempre possam ser considerados como um grupo claramente delineado, partilhando uma mesma identidade profissional.

No entanto, embora a heterogeneidade dos profissionais aqui analisados seja uma característica que não pode ser desconsiderada, parece-me que um referencial atravessa a diversidade das trajetórias pessoais, bem como as recomposições pessoais no âmbito do trabalho profissional. Refiro-me à emergência — e sua crescente valorização — da dimensão explicitamente terapêutica, que vem ganhando destaque crescente no âmbito do movimento mais geral da nebulosa alternativa³, desde a segunda metade da década de 80, compondo uma espécie de movimento terapêutico que não dá sinais de perda de fôlego até os dias atuais.

Nesse sentido, no âmbito do universo mais geral — alternativo —, o conjunto de profissionais que se auto-intitulam terapeutas é indicativo não somente de uma escolha pessoal, mas aponta para um movimento mais amplo de deslocamento e de redefinição de temáticas no seu interior.

Parece-me que a característica principal desse movimento reside num processo de especialização terapêutica, cuja pragmática permite tratá-los com uma certa especificidade em relação ao universo mais amplo de práticas terapêuticas da nebulosa alternativa, das práticas médicas oficiais, das medicinas populares e das práticas de cura geridas religiosamente⁴, estruturando o que chamo de rede terapêutica alternativa. A centralidade da questão terapêutica ganha, aqui, uma especificidade que não se dilui na rede mais ampla — alternativa —, interagindo com outras abordagens terapêu-

³ Utilizo a noção de nebulosa alternativa em estreita afinidade com a noção de nebulosa místico-esotérica apresentada por Champion (1990). Outras denominações poderiam ser usadas, mas optei por esta ao considerar sua melhor operacionalidade, seja pela abrangência de grupos e orientações que ela abarca, seja porque aponta diretamente para a dinâmica de tensões internas nesse universo.

⁴ Nesse universo inserem-se os grupos nos quais a dimensão religiosa é determinante da cura, como os de renovação carismática, de movimentos pentecostais, os agentes de curas mediúnicas praticadas no âmbito do espiritismo, entre outros. Greenfield (1992) aborda essa questão em artigo sobre as cirurgias praticadas pelo Dr. Fritz. Em importante trabalho, Loyola aborda esse universo de oferta de cura, investigando as tensões decorrentes da sua interação com outros sistemas de cura, coexistindo (e disputando) num mesmo espaço social. Ver Loyola (1984).

ticas mais ou menos próximas a ela. Dessa forma, os profissionais nela inscritos, apesar da sua enorme heterogeneidade, podem ser reunidos sob a designação de terapeutas não-médicos.

A dimensão terapêutica se constitui numa moeda forte para a legitimação do tipo de trabalho desenvolvido. A conotação adquirida atualmente por essa categoria remete ao explicitamente terapêutico — como no caso das diversas técnicas alternativas de tratamento e diagnóstico — e ao ilusoriamente terapêutico, na medida em que procura construir uma relação de afinidade com o auto-aperfeiçoamento e o autoconhecimento, valorizando sua dimensão ou efeito “terapêutico”. Nos jornais alternativos e nos prospectos de cursos, *workshops* e atendimentos individuais, é freqüente e cada vez mais intensa a utilização da palavra “terapêutica” como definidora da especificidade ou da finalidade do trabalho realizado, diferenciando-o de outros usos e efeitos possíveis, revelando a construção de uma perspectiva de percepção e de encaminhamento, por parte do profissional, propriamente terapêutica.

Por outro lado, a importância atualmente concedida à categoria “terapêutica” deve ser compreendida à luz de todo um processo de maturação, que se iniciou a partir de meados dos anos 80 e se intensificou principalmente ao longo da década de 90.

É preciso, antes de mais nada, esclarecer que não se trata aqui de reconstruir a história do movimento *stricto sensu*, cujas origens remontam ao início da década de 70. As dificuldades intrínsecas dessa empreitada são inúmeras e fugiriam por demais aos objetivos deste trabalho. Acredito que devam constituir um esforço paralelo de pesquisa, se considerarmos, por exemplo, o profundo entrecruzamento desse segmento dito “alternativo” com os demais grupos da época, como as esquerdas militantes e o movimento *hippie*, bem como os imbricamentos com a cultura “psi” e com a informalidade nas relações entre terapêutica e religião (Werdner Maluf, 1996).

Some-se a essa ebulição de grupos, posturas e práticas tão diferenciadas e imiscuídas entre si uma dificuldade adicional na obtenção de fontes primárias escritas (panfletos e jornais alternativos dos mais diferentes tipos), já que boa parte dela se perdeu, desaparecendo ao sabor dos acontecimentos: com a mesma força com que pipocavam os pequenos jornais da década de 80, muitos sumiram sem deixar rastro.

Diante dessas dificuldades, resolvi, então, eleger algumas questões que considero relevantes para o entendimento dos contrastes entre esse “caldo” inicial e a especialização verificada na década de 90, de uma forma um pouco mais sintonizada com o espírito e com o jeito de ser das pessoas que

compõem o meu universo de pesquisa. Os acontecimentos serão rememorados na ótica de um olhar específico, de alguém que vivenciou todas as transformações ocorridas ao longo dessas décadas e que hoje é um profissional respeitado na rede terapêutica alternativa, constituindo um terapeuta típico dos tempos atuais. A própria reconstrução de sua trajetória implica um processo que é sempre relido a partir de uma interpretação *a posteriori* das experiências vivenciadas. Como esclarece Bourdieu (1996), a história de vida deve ser percebida como um processo que se constrói a si mesmo, na forma de um devir, que implica transformações sucessivas de um espaço social de cuja reelaboração o sujeito da narrativa participa. A dinâmica dessas transformações pode ser compreendida, como propõe Velho (1994), no âmbito das noções de campo de possibilidades e projetos, onde se manifesta uma articulação entre o espectro de opções potenciais, reconhecidas pelo agente, e as suas escolhas, que redesenham constantemente a sua trajetória.

Errância e Movimento Alternativo

Tudo começou lá pelos idos da década de 60, quando H.⁵ fazia faculdade de direito na Cândido Mendes e vivia à mercê dos pais, em Laranjeiras. Nessa época, começou a freqüentar lugares onde os “alternativos” cariocas se reuniam, como a praça General Osório e o Pôr de Ipanema. Já havia passado por diferentes experiências, desde o movimento *beatnik* e em grupos filiados ao Partido Comunista e ao PC do B, chegando, mesmo, a montar um pequeno jornal nessa época.

Foi no movimento *hippie*, no entanto, que H. encontrou a primeira oportunidade de romper com aquilo que considerava uma excessiva teorização, à qual, segundo ele, estava submetida a esquerda, nas suas mais variadas tendências. Em contrapartida, impunha-se a necessidade de realmente “vivenciar” o comunismo, através do já bastante conhecido *slogan* “não faça a guerra, faça a paz” e que, à época, H. traduzia por: “não há a intenção de brigar contra, mas simplesmente viver uma solução”. Longe, no entanto, de constituir um movimento homogêneo, segundo H., já naquela época alguns segmentos no interior do universo *hippie* — com os quais ele se identificava — apontavam para uma necessidade de espiritualização, ou

⁵ Quando os depoimentos se referirem à história de vida do entrevistado, será utilizada aqui a inicial do seu primeiro nome, de modo a preservar sua privacidade.

de conscientização de suas práticas. Novas perspectivas de vida se foram desenhando para seus adeptos, propiciando a entrada de novas palavras de ordem, tais como vegetarianismo, alimentação natural e ioga, que só posteriormente conquistariam as cabeças do público mais amplo.

A dinâmica com que se verificou a entrada de um conjunto de técnicas terapêuticas, posturas alimentares e vivências espirituais, estranhas ao universo religioso brasileiro, não constituiu um movimento sistemático e organizado. Segundo H., o que se viu, ao contrário, foi sobretudo um movimento difuso de propagação “boca-a-boca”, onde, através do acesso a um livro recém-chegado do exterior ou de um papo informal com alguém que estivesse em contato com novas práticas, técnicas ou experiências, procurava-se passar adiante as informações obtidas.

A velocidade com que as informações eram disseminadas constituía a dinâmica dos grupos de então. E isso devido não somente à ânsia pela novidade, pelo estranho, pelo longínquo, como forma de romper a ortodoxia reinante, mas também por uma necessidade de experimentação, de mergulhar vertiginosamente em um novo e inexplorado universo de práticas, vivenciado como um processo de descoberta pessoal.

“Que ferramentas eram essas? Era uma nova consciência de vida! Com o ioga, com o relaxamento, com meditação, com a medicina natural etc. Tudo começou, né, como primeira prática de saúde, com a alimentação vegetariana. Quando eu percebi que tinha que ser vegetariano. E foi crescendo quando eu percebi que, além da comida, eu podia me tratar com algumas ervas (...) e percebia aí quando (...) que a gente, tocando uma pessoa e outra, né, existe uma coisa chamada massagem... Aí, nós descobrimos o *do-in*, o *shiatsu*, a acupuntura, a homeopatia (...). Havia um trabalho de vivência e também de leituras de textos relacionados à saúde ou à filosofia. Nessa época, já começavam a praticar um processo alternativo de medicina, com massagem, com alimentação” (H.).

H. foi um daqueles que mergulharam radicalmente na conquista de uma nova postura de vida como veículo de conscientização social. Era preciso, segundo ele, trabalhar nessa direção, de uma forma um pouco mais organizada, para que um maior número de pessoas pudesse ter acesso e um melhor entendimento de todo o conjunto de práticas que já estavam sendo amplamente difundidas no movimento *hippie*. No bojo dessa convicção,

nasceu a idéia de realizar, em janeiro de 1974, a Primeira Semana da Saúde Perfeita, em São Lourenço.

Na mesma medida em que sabiam que a idéia da realização do evento era boa, sabiam também da precariedade de condições para a sua realização. Essa avaliação orientou a formulação de uma estratégia bem definida e aparentemente desorganizada: H. e mais três pessoas contactaram os nomes-chave do evento, que iriam apresentar as palestras. Foi somente isso o que fizeram. A divulgação ficou por conta do esquema boca-a-boca e alguns panfletos muito precários. Chegando em São Lourenço, decretaram a abertura do evento, sem nenhuma organização prévia em termos de infraestrutura e sem nenhum conhecimento da prefeitura local. Eram grupos que chegavam de todo o Brasil, perfazendo um total de cerca de mil pessoas. A infra-estrutura necessária foi construída à medida que o evento se realizava: a prefeitura cedeu o uso do Parque de Águas para que os participantes pudessem acampar; os comerciantes da região doaram pães, leite e gêneros alimentícios de primeira necessidade; os fazendeiros, por sua vez, fizeram contribuições variadas.

Alguns dentre os nomes contatados como palestrantes são, até os dias atuais, referência importante para os adeptos em geral, como Flávio Zanata, introdutor da macrobiótica no Brasil; De Rose, professor de ioga, e o Dr. Bello, médico homeopata. A exposição, no entanto, de suas experiências, não seguiu nenhum critério de sistematicidade. A tônica do encontro pautou-se em conversas informais, abordando temas afins, onde as pessoas se reuniam em grupos segundo o seu interesse e conveniência, compondo um clima bastante descontraído, em volta de fogueiras.

Além das conversas informais, várias outras atividades paralelas aconteciam, que iam desde as práticas e vivências mais variadas, como ioga, massagem, meditação, *do-in*, *shiatsu*, até a confecção da própria alimentação que seria distribuída aos participantes, segundo as diferentes linhas adotadas. Um galpão-cozinha de 24 metros quadrados, construído no parque especialmente para o evento, constituía-se numa dentre as várias atividades oferecidas de experimentação de uma nova consciência de saúde perfeita.

No entanto, apesar de toda a informalidade que reinava no encontro, a proposta dos organizadores era oferecer subsídios para a postura alternativa e duradoura, que não se deveria restringir aos limites daquela semana. Segundo H., no entanto, muitas pessoas não prosseguiram com o trabalho de conscientização de sua saúde:

“Depois do encontro, teve gente que saiu de lá e continuou a fazer a mesma coisa que sempre fazia (...) nós não tínhamos moradia fixa, nem trabalho fixo, e nada que nos diferenciasse das outras pessoas; ou seja, comia-se qualquer coisa e qualquer coisa se fazia: tá doente? Ia na farmácia, comprava um antibiótico e tomava e pronto... A partir daí, nós começamos — eu e outras pessoas — tínhamos uma informação maior e começamos a informar essas pessoas que a gente podia, assim como a gente tinha um trabalho alternativo, ter uma postura mais ampla, alternativa, que era uma alimentação alternativa (...) uma nova postura de saúde, de medicina... tomando homeopatia, fazendo massagem... então, a separação foi que algumas pessoas voltaram pra onde estavam, continuando a fazer as mesmas coisas. E alguns vieram incorporando esses novos padrões ao seu *way of life* (...) Então, essas pessoas, como já tinham alguma coisa a mais pra construir, pra vivenciar, precisaram também estar mais juntas, né, mais identificadas... e aí, nasce a necessidade da organização das comunidades alternativas” (H.).

Apesar de ter participado de várias experiências comunitárias rurais na Bahia, São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, H. acabou optando pelo estabelecimento de uma comunidade alternativa urbana, em Santa Tereza, já no final da década de 70. Mesclando orientações religiosas e filosóficas às práticas terapêuticas alternativas, a comunidade iniciada por H. pode ser considerada uma das pioneiras desse gênero no Rio de Janeiro. Segundo ele, a ênfase era acentuadamente orientalista, tendo como eixo central o ioga, muito embora a diversidade de orientações e práticas fosse incentivada. A proposta dessa comunidade procurava sintetizar uma nova postura terapêutica, através, principalmente, de uma nova orientação alimentar.

A configuração espacial do apartamento onde funcionava a comunidade não era menos inovadora: constituía-se, ao mesmo tempo, num local de moradia para H. e mais algumas pessoas, mas também incorporava um público flutuante, bem como um espaço para a realização de atividades contínuas e esporádicas. Funcionavam ali diferentes grupos de estudos e de práticas religiosas e espirituais; ministravam-se aulas de ioga e atendimento em medicina natural, com massagem, orientação de alimentação e acupuntura. Segundo H., uma das novidades, na época, que esse espaço incorporava, era o então incipiente comércio alternativo, onde podiam ser encontrados desde alimentação natural, sem agrotóxicos, até os produtos esotéricos — mais

difíceis de se encontrar no mercado — como incensos, gravuras indianas, pirâmides etc.

“Ninguém imaginava, todo mundo que entrava lá se espantava, de não acreditar no que estava experimentando... de entrar dentro do apartamento — que era um apartamento — o apartamento onde nós morávamos, né? E, de repente, entrava dentro desse apartamento e estava noutra dimensão, entendeu? Numa outra dimensão. Sem sapato, com aquela musiquinha de mantras ou... na época, nem se chamava *New Age*... essa música, né, de relaxamento e tal... e sentava no chão com almofadas... era uma coisa completamente (...) que pirava a cabeça das pessoas, entendeu?” (H.).

Segundo o relato de H., muitas pessoas que chegaram encantaram-se com o novo modo de viver ali e permaneceram, morando ou freqüentando assiduamente essa comunidade. Muitos daqueles que hoje em dia se encontram razoavelmente estabelecidos no âmbito do universo de práticas alternativas em geral — com restaurantes, casas naturais, espaços alternativos e consultórios — passaram pela comunidade de Santa Tereza.

Terapeuta Holístico, Profissionalmente

A comunidade de Santa Tereza, criada por H. na década de 70, constituiu uma experiência inovadora para a época e se redefiniu ao longo dos anos. Atualmente, H. coordena, juntamente com sua mulher, um espaço alternativo que ganhou novo nome e endereço, e que é uma importante referência para os adeptos das práticas terapêuticas alternativas, mas que guarda pouca semelhança com a forma de funcionamento dos tempos de Santa Tereza. Mas o que mudou nesses anos? Até mesmo numa rápida incursão às dependências do espaço atual é possível constatar que as mudanças foram muitas, redefinindo a proposta inicial. Poderemos, então, afirmar que se trata do mesmo espaço, e estabelecer, em algum nível, uma linha de continuidade atravessando duas décadas de atividades?

Começemos pelas diferenças que, nesse caso, podem ser facilmente identificadas. O espaço atualmente dirigido por H. situa-se num moderno prédio comercial na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, ocupando duas salas confortáveis e devidamente aparelhadas. Longínquo, também, parece ser o romantismo da experiência inicial de formação de uma

comunidade, onde as pessoas podiam morar, permanecer ou freqüentar, incorporando diferentes formas de inserções possíveis, segundo a conveniência de cada um. Em contraste com a flexibilidade anterior, poderíamos dizer que, hoje, o espaço apresenta uma configuração fundamentalmente comercial, baseada primordialmente no atendimento ao público, onde não mais se misturam moradia e atividade profissional.

De fato, “comercialmente” falando, o espaço é muito bem estruturado. Conta com uma ante-sala (onde são marcadas as consultas, funcionando também como uma sala de espera), uma sala de atendimento individual e um pequeno salão para as atividades coletivas. As atividades oferecidas são regulares, distribuídas entre consultas, cursos, *workshops* e palestras. Pode-se encontrar um leque bastante variado de técnicas terapêuticas, práticas e vivências, sendo a ioga, a *shantala*, a espondiloterapia, a fitoterapia e a iridologia as mais procuradas. O cadastro de clientes é extenso, composto na sua maior parte de pessoas que freqüentam o espaço com alguma regularidade. Esse é um aspecto fundamental, pois não constitui a regra geral da grande maioria dos espaços alternativos espalhados pela cidade, onde a clientela costuma ser caracterizada como flutuante. A maior ou menor regularidade do público, além de configurar um objetivo a ser perseguido, também é uma medida do grau de sucesso e da conseqüente visibilidade de um espaço no âmbito desse circuito de práticas terapêuticas e/ou alternativas.

H. não trabalha sozinho. Desde os tempos de Santa Tereza, ele e sua mulher davam a tônica do trabalho na comunidade alternativa. Havia, porém, em boa medida, a participação de várias outras pessoas, que ministravam cursos livres, práticas e vivências sobre os mais variados assuntos. Atualmente, no entanto, o trabalho de atendimento é desenvolvido apenas por ele e sua mulher, e a participação de outros profissionais se dá por ocasião dos encontros mensais promovidos pelo espaço.

A credibilidade do trabalho de H., bem como o de sua mulher, transcende em muito os limites do atendimento e dos cursos ministrados. Frequentemente eles costumam ser chamados para ministrar palestras em outros espaços — no Rio e em outras regiões do Brasil — e concedem entrevistas em jornais e revistas, tanto alternativos como os da grande imprensa. Não raro também é possível assisti-los dando pareceres ou emitindo seus pontos de vista em algum canal da rede televisiva. Enfim, são profissionais que pertencem ao restrito grupo daqueles que chegaram a um patamar de reconhecimento que ultrapassou os limites da rede a que pertencem, exercendo influência personalizada na mídia em geral.

Além de possuir um vasto conhecimento teórico, que o permite opinar sobre um conjunto de técnicas e procedimentos terapêuticos que extrapolam os limites do seu campo de atuação profissional, H. conhece não menos profundamente a dinâmica da rede na qual se encontra inserido, os seus problemas e uma boa parte de seus profissionais. A posição ocupada por H. provém, segundo ele, do fato de ter sido um dos primeiros a desenvolver um trabalho alternativo no Rio de Janeiro, o que o tornou razoavelmente conhecido e também respeitado dentro e fora da rede terapêutica alternativa, como pude várias vezes observar em entrevistas com outros terapeutas.

Credibilidade profissional e respeito pelo espaço por ele dirigido: podemos considerar como bem-sucedida a trajetória profissional de H. É importante observar que, permeando a sua história pessoal, encontram-se duas experiências terapêuticas distintas, mergulhadas no contexto da cada época. Cada uma dessas experiências — a comunidade de Santa Tereza e o seu espaço alternativo dos anos 90 — indica as transformações que ocorreram no tratamento da questão terapêutica alternativa ao longo dos anos.

Se por um lado, em seu relato sobre a comunidade alternativa de Santa Tereza, H. procurou ressaltar o sentimento de estranheza e fascínio daqueles que ali chegavam e que acabavam, muitas vezes, ali permanecendo, o mesmo não pode ser dito do seu espaço atual, que guarda semelhança com a variedade de outros espaços espalhados pelos vários bairros do Rio de Janeiro. Por outro lado, H. imprime sua marca pessoal ao espaço, conservando alguns traços dos tempos de Santa Tereza, como a necessidade de permanecer descalço nas suas dependências e a promoção freqüente de encontros e atividades comunitárias dos mais diferentes tipos.

H. procura ressaltar a fecundidade da experiência de Santa Tereza, apresentando-a como o germe inicial do que seria, então, o seu resultado mais acabado: o espaço alternativo por ele dirigido. Mas afora o seu trabalho pessoal — e o de sua mulher — de construção de uma linha de continuidade que perpassou os muitos anos de trabalho profissional, restam poucas semelhanças do ponto de vista da implementação cotidiana de cada uma das experiências terapêuticas de que falamos.

O primeiro argumento que poderia ser sugerido como fator explicativo da diferença entre as duas experiências seria o inegável aspecto da novidade que foi a comunidade de Santa Tereza. Embora, no final da década de 70, algumas experiências comunitárias alternativas já estivessem em curso, desencadeadas pelo movimento *hippie* do início da década, as práticas terapêuticas alternativas em geral ainda eram muito pouco veiculadas entre os

adeptos alternativos. Outro fator, apontado por H. e que vem corroborar a novidade dessa experiência, diz respeito à venda de produtos esotéricos lá praticada. De fato, segundo vários informantes, esse tipo de comércio associado a uma dimensão espiritualizante iria surgir somente na década seguinte, no bojo do movimento de estruturação do mercado alternativo, no qual a realização de feiras esotéricas, em meados da década de 80, assumiram um papel de divulgação fundamental.

O contraste entre o pioneirismo da experiência da década de 70 e o trabalho atualmente desenvolvido por H. evidencia uma realidade que já se estendeu para muito além de iniciativas pontuais, ousadas e alternativas. Se hoje em dia seu espaço não causa mais estranheza, seja na forma de fascínio ou de desconfiança, é porque sua disseminação no espaço urbano carioca e adjacências já se encontra bastante incorporada à dinâmica da cidade.

Outro aspecto não menos importante dessa questão, e que nos auxilia a compreender a dimensão contrastiva dessas duas experiências, diz respeito ao próprio grau de intensidade emocional com que elas parecem ter sido vivenciadas, que aponta para uma mudança qualitativa da questão terapêutica no âmbito da rede de práticas místico-esotéricas. Pode-se dizer que, em Santa Tereza, a terapêutica apresentava-se como uma vivência, compondo uma dimensão dentre outras, no âmbito da experiência comunitária como um todo — ou seja, encontrava-se embebida no conjunto muito mais vasto de alternativas a serem exploradas. O novato que pretendesse frequentar ou morar na comunidade precisava, direta ou indiretamente, se submeter a um ritual de iniciação — ainda que não explícito — na medida em que era necessário, antes de tudo, ser aceito no grupo, por mais que não houvesse critérios explícitos de entrada.

Segundo H., “a casa estava aberta a todos” — a afinidade entre os participantes, bem como a necessidade de partilhar experiências, acabava por imprimir, em algum nível, uma performance específica, afinada à proposta veiculada pela comunidade. Não era necessário partilhar idéias ou opiniões a propósito desse ou daquele assunto: a diversidade de posições religiosas e filosóficas, segundo H., era aceita e incentivada. Mas era preciso, por outro lado, que, para além de divergências teóricas, houvesse algo em comum, um princípio unificador que pudesse conferir algum sentido àquele conglomerado heterogêneo de experiências pessoais.

O que podemos apreender do trabalho profissional desenvolvido atualmente por H.? Antes de mais nada, a importância atribuída ao que vem a

ser profissional é que aparece como imperativo do trabalho não somente de H., mas dos terapeutas em geral. Como muitos de seus colegas, ele se define como terapeuta holístico e procura realizar o seu trabalho profissionalmente. Avesso ao amadorismo e ao mesmo tempo valorizando a dimensão utópica da experiência de Santa Tereza, ele pode ser considerado como um típico representante desse novo perfil de profissional liberal. Mantém uma agenda cheia e organizada, possui clientela regular, dividindo seu tempo entre as consultas e atendimentos (estritamente terapêuticos), palestras e cursos, nos quais costuma abordar um conjunto mais diversificado de temas. Costuma anunciar em jornais e revistas as atividades promovidas pelo seu espaço, além de fazer uma propaganda mais dirigida à clientela interna, principalmente através de panfletos avulsos.

Como já havia dito anteriormente, H. não somente possui uma longa trajetória no âmbito da nebulosa alternativa, como também uma preocupação pioneira com a questão terapêutica. Sua história de vida e a dinâmica das transformações observadas nesses últimos anos, que compreendem uma especialização e uma autonomização crescente do terapêutico enquanto categoria, fazem dele ao mesmo tempo autor, ator e coadjuvante desse processo.

A Dinâmica da Rede Terapêutica e as Ambigüidades da Designação “Alternativa”

A rede terapêutica alternativa, ao longo da década de 90, tem sido permeada por uma complexa trama de afinidades entre grupos internos e externos a ela. Para a sua análise, a ambivalência da categoria “alternativo” parece mais camuflar do que esclarecer a dinâmica das relações entre esses profissionais.

A valorização do “alternativo”, para esses profissionais, possui uma estreita afinidade com o aprimoramento técnico como recurso de qualificação profissional. Para compreendermos as transformações ocorridas ao longo dos últimos anos, voltemos mais uma vez ao depoimento de H.: sua formação profissional é basicamente autodidática, embora pontuada pela realização de alguns cursos sobre temas específicos. Ele mesmo ressalta a fluidez e a falta de sistematicidade com que adquiriu a maior parte de seus conhecimentos, numa época em que se lia de tudo, ao procurar assimilar todas as novidades que chegavam. Talvez — para utilizarmos uma linguagem familiar à nebulosa alternativa — pudéssemos dizer que foram tempos mais permeados pela lógica da sincronicidade entre a necessidade individual (mística) e a

oportunidade social, através da qual foram sendo desenhadas as trajetórias individuais.

“Bom... como é que a gente aprende isso? Na época, né, era muito difícil, porque não havia, como hoje, profusão de tantos cursos, né? Então, como é que você aprendia? Ou com aquele que sabia, ou com alguns livros e fundamentalmente com a prática, né? Por exemplo: como é que eu aprendi ioga? Eu aprendi ioga quando tive a visão, uma visão mesmo, de um livro e quando eu me dei conta, esse livro quase que se materializou nas minhas mãos. Eu não sei como ele chegou nas minhas mãos. Aí, eu li esse livro e eu sabia aquilo tudo que eu tinha lido... como se eu sempre tivesse feito aquilo. Principalmente quando eu comecei a praticar, aquilo era tão simples pra mim, tão fácil, que era como se eu sempre tivesse feito aquilo. (...) É... a massagem... eu comecei com o *do-in*, com Juracy [introdutor da técnica no Brasil], depois fiz um curso de *shiatsu* — um curso rápido — depois fui lendo mais, estudando mais, fiz outros cursos etc. e aí, uma série de coisas se apresentou pra mim, né? A irisdagnose é uma dessas coisas... já não é oriental. Bom, então eu fazia, nessa época, eu fazia *do-in*, eu fazia *shiatsu*, fazia ioga, fazia já orientação de alimentação... como é que eu aprendi alimentação? Com o Zanata, macrobiótica; com o outro, verlandismo; com o outro, vegetarianismo... com cada um aprendemos muitas coisas, lendo muito, né?” (H.).

Os tempos da comunidade de Santa Tereza refletem exemplarmente uma forma de aquisição e experimentação de conhecimentos e saberes variados que pouco se assemelha à forma como se estrutura atualmente a rede terapêutica alternativa. Uma dinâmica de *feedback* entre leitura e experimentação constante; a centralidade conferida aos encontros intersubjetivos, que se desenrolavam sob a forma de conversas informais. Ou, adotando-se uma configuração mais sistemática, contrastam com o estilo mais impessoal que pode ser observado na estruturação dos cursos, tal como eles se vêm desenvolvendo, principalmente a partir de meados da década de 80.

Atualmente, a forma de inserção profissional mais disseminada na rede terapêutica alternativa é fazer cursos de formação e aperfeiçoamento profissional, não somente como estratégia segura — na medida em que é sistemática e organizada — de aquisição de conhecimentos, mas também como mecanismo de conquista de posições mais legitimadas no âmbito da

rede e mesmo fora dela, com possíveis desdobramentos na mídia. É o que pode ser verificado no depoimento de uma terapeuta floral:

“Hoje é possível você encontrar um anúncio no jornal e... existem certas instituições, que podem não ser reconhecidas oficialmente, mas que dão curso, têm um diploma... Por exemplo: quem faz um curso de acupuntura é (...) a acupuntura agora se tornou uma coisa reconhecida internacionalmente (...) o exemplo do *shiatsu*: quem faz um curso de *shiatsu* no ‘Sorraco Bastos’, em Laranjeiras, é um cara que tem um certo reconhecimento, que fez um curso que é reconhecido como um bom curso de *shiatsu* etc.”.

Podemos dizer que a preocupação com a questão do aperfeiçoamento profissional, bem como com a adoção de critérios objetivos de avaliação da competência profissional (como o diploma) foram a tônica do movimento que se iniciou na segunda metade da década de 80 e se radicalizou no início dos anos 90. A década anterior foi caracterizada pela proliferação de cursos livres, nos quais a dimensão terapêutica encontrava-se embebida no conjunto mais amplo de práticas, vivências e posturas que poderia ser reunido sob a designação mais geral de “esotérico”. Compunham-se de uma vasta gama de assuntos, incorporando diferentes posições ou escolas filosófico-religiosas, oráculos e magia em geral, passando também pela apresentação de técnicas terapêuticas. Data dessa época, em especial, o grande *boom* dos cursos de iniciação aos oráculos — em especial o *I Ching* e o tarô — e a astrologia. Com o fim dos anos 80 e início da década seguinte, começaram a proliferar, com intensidade cada vez mais acentuada, os cursos com perfil estritamente terapêutico, o que enfatizou um número crescente de técnicas específicas e evidenciou um movimento de autonomização e distanciamento das técnicas terapêuticas em relação ao universo cosmológico — explícito ou implícito — em que se encontravam inseridas.

Vista por esse ângulo, a questão que hoje vem ganhando relevância entre os profissionais é conhecer os resultados efetivos da aplicação dessa ou daquela técnica, ou de sua combinação, o tempo de duração do tratamento e os seus limites, de forma a traçar um quadro das possibilidades de uma terapêutica em relação aos problemas a serem resolvidos. No artigo “Terapia com vegetais”, por exemplo, uma terapeuta manifesta esse tipo de preocupação: “através da união de recursos terapêuticos — cromoterapia,

aromaterapia, cristais e vegetais — pode-se conseguir respostas mais rápidas e eficiência no tratamento” (Loureiro, 1995: 5).

Desse tipo de avaliação pode-se depreender um movimento de valoração diferenciado das técnicas atualmente disponíveis. O qualificativo “alternativo”, aplicado a um universo bastante extenso e heterogêneo, revela, portanto, somente uma das faces do problema: o que diz respeito à difícil relação desses terapeutas com a medicina convencional. Embora sempre existam exceções, o posicionamento hegemônico que podemos encontrar no segmento médico (tanto no que se refere aos órgãos representativos da classe como ao conjunto de representações difundidas pela categoria) tende a conferir à terapêutica alternativa uma posição de marginalidade⁶. Como que decorrente de uma certa política de desqualificação, por parte do segmento médico, explicitamente identificada pelos terapeutas não-médicos, advém uma tendência que vários terapeutas têm de inverter a nomeação, ao afirmarem que a medicina convencional é que é alternativa. Essa tendência pode ser observada no depoimento de H.:

“Por exemplo: medicina natural... eu até nem gosto muito de usar o nome ‘alternativa’, porque dá uma idéia de excludente, de minimizar. Eu acho até que ‘alternativa’ deve ser a cirurgia, o antibiótico. Por exemplo: você tem uma inflamação, toma um chazinho... se não deu certo, você tem uma alternativa de antibiótico; você tem uma hérnia de disco, trata com acupuntura... se não der certo, você tem a alternativa da cirurgia, entendeu? Eu gosto mais de medicina natural...”

Mas esse é somente um dos lados da questão, que é bem mais complexa do que o tratamento da diversidade da rede terapêutica como bloco indistinto de profissionais alternativos praticando uma atividade marginal. A diversidade da formação profissional no âmbito da rede e as suas variadas formas de inserção vêm construindo inúmeras representações que tendem a articular diferentemente os referenciais “alternativo” e “holístico”.

⁶ A tensão entre diferentes sistemas terapêuticos vem-se intensificando ao longo dos últimos anos, devido à expansão da rede terapêutica alternativa, e mais especificamente a partir da regulamentação da profissão de terapeuta holístico (Projeto de Lei nº 2.783, de 1997). Essa tensão vem-se refletindo na esfera jurídica, cujo desdobramento mais recente foi a proibição, por parte do Conselho Federal de Medicina, de os médicos utilizarem as terapias alternativas como um recurso adicional aos procedimentos clínicos convencionais.

Seguindo a perspectiva da diversidade interna, resolvi explorar esse referencial holístico. Fiz, então, a seguinte pergunta: quem fala em cura holística? Através de um inventário exaustivo, realizado em vários jornais alternativos, de artigos, matérias e anúncios terapêuticos autodenominados de cura holística, pude constatar uma diversidade de vozes que parecia transcender a própria (e generalizada) designação de alternativo: terapeutas e/ou facilitadores, psicólogos, parapsicólogos, médicos homeopatas, médicos alopatas, fisioterapeutas, nutricionistas e biólogos. Isso sem falar no movimento migratório, muito comum nos dias atuais, de não-terapeutas que atuavam nos limites do auto-aperfeiçoamento pessoal de tipo esotérico e que passam a buscar uma articulação com a questão terapêutica. Esse parece ser o caso, principalmente, de profissionais que tradicionalmente trabalhavam com astrologia e com oráculos variados, que vêm promovendo sua transformação em técnicas diagnósticas.

A articulação entre os referenciais alternativo e holístico pode também produzir resultados inversos ao que acabo de expor, complexificando qualquer tentativa de abordagem que compreenda esse segmento apenas como um universo homogêneo e marginal de perspectivas terapêuticas. É o que ocorre quando se verifica a utilização de técnicas terapêuticas alternativas sem, no entanto, recorrer à utilização do referencial holístico.

Um bom exemplo desse posicionamento pode ser encontrado na matéria intitulada “Psicóloga inova variando os métodos” (*Homeopatia & Vida*, n. 7, s/d: 9), que apresenta uma exposição do método desenvolvido por uma psicóloga que em nada se assemelha à psicologia tradicional. Utilizando técnicas terapêuticas alternativas, tais como técnicas de relaxamento, musicoterapia, hipnose, cromoterapia, energizações, entre outras, esse tratamento reflete a tendência mais freqüente entre os terapeutas que fazem cura holística. No entanto, logo no início da matéria, é explicitamente afirmado que ela desconsidera e rejeita qualquer tentativa de classificação do seu trabalho como holístico. Da utilização das técnicas não parece decorrer uma auto-identificação profissional ao holismo. Ao contrário: reelabora-se o referencial holístico de forma a incorporá-lo ao campo da ortodoxia psicanalítica, afirmando que “a verdadeira psicanálise é entender o cliente como um todo” (*idem*).

No âmbito desse movimento, pode-se encontrar mecanismos de apropriação das técnicas terapêuticas por segmentos externos à rede terapêutica alternativa. A matéria intitulada “Exame de íris ajuda diagnóstico” (*Homeopatia & Vida*, n. 11, s/d: 5) é assinada por um médico. Também

nesse caso não se trata de uma incorporação do referencial holístico ao trabalho de um profissional da medicina oficial. Apontando a iridologia como uma técnica de diagnóstico complementar, ao mesmo tempo em que restringe o seu campo de atuação e possibilidades terapêuticas, o autor também enfatiza a necessidade de utilização criteriosa desse procedimento por profissionais efetivamente habilitados — no caso, os médicos. Ele adverte que a iridologia deve ser praticada apenas por médicos, pois pode-se tornar perigosa se mal administrada.

No âmbito das diferentes articulações entre o referencial alternativo e holístico, depreende-se que a rede terapêutica alternativa também pode estabelecer uma relação de diálogo com a medicina convencional, quando esta compreende o alternativo como complementar. Em geral são os profissionais da rede que propõem uma tentativa de associação entre terapêuticas ortodoxas e alternativas ou sutis, como é o caso dos florais. Apostando nessa perspectiva, a matéria intitulada “Terapia floral” defende o argumento de que essa técnica não é incompatível com a alopatia: “os florais podem limpar as toxinas dos remédios e ao mesmo tempo trabalhar o lado emocional” (*Homeopatia & Vida*, n. 14, s/d: 12). Indica claramente que se trata de uma técnica complementar no tratamento de problemas de ordem física; a posição recomendada é a de não-exclusividade na utilização dos florais, devendo seu emprego sempre vir acompanhado de uma avaliação médica.

Essa movimentação de fronteiras parece indicar uma autonomização do terapêutico. Ele pode ser alternativo sem ser holístico; pode ser holístico sem ser alternativo; pode ser os dois; pode-se confrontar com a medicina convencional ou pode estabelecer uma relação de complementaridade com ela. No entanto, o que é comum a toda diversidade de posições é o seu denominador terapêutico, que funciona como o critério mais geral de identificação profissional.

O que parece estar informando essa centralidade do terapêutico como qualificativo de “competência técnica” é a busca, por parte desses profissionais, de uma legitimidade análoga àquela alcançada pelos médicos “alternativos”. Nesse segmento destacam-se os homeopatas que, ao longo dos úl-

⁷ O processo de passagem de uma configuração do tipo “campo” para uma estruturação do tipo “corpo” foi verificado por Jane Russo (1991) como um movimento que se desenrolou ao longo dos anos 80, envolvendo o segmento de profissionais da área “psi”. Processo análogo vem organizando e estruturando o campo de saber homeopático, embora apresente uma história mais antiga e uma cronologia bem diferenciada da do grupo “psi”, articulando períodos de maior corporificação com períodos posteriores de refluxo. Ver Musumeci Soares (1988).

timos anos, vêm conquistando um reconhecimento crescente, tanto por parte do Estado — que passou a incorporar um número cada vez maior desses profissionais nas estruturas hospitalares e ambulatoriais —, como de diferentes segmentos que influenciam na formação da opinião pública, notadamente a imprensa e a universidade⁷.

Nesse sentido, podemos observar, nos anos 90, uma expansão quantitativa das possibilidades profissionais, o que evidencia uma certa inclinação a se redirecionar, centralizar ou mesmo enfatizar a dimensão terapêutica no trabalho de atendimento ao público. O depoimento de uma astroterapeuta com formação anterior em psicologia trata exatamente dessa mudança de rumo que se operou na rede, ao expor a sua insatisfação em relação ao curso de astrologia que frequentou no início dos anos 90:

“Ficou muito claro isso quando eu comecei a fazer os trabalhos para o curso. Por exemplo: o trabalho é sobre... casas e planetas, coisas aí da astrologia. Eu, então, comecei a buscar um tipo de linguagem mais psicológica pra tentar fazer meus trabalhos (...) eu comecei a sentir que a minha linguagem, nos trabalhos que eu comecei a fazer, não estava sendo muito aceita por principalmente um dos professores, que é um astrólogo conhecido. Ele me chamava muito. Ele gostava até muito de mim e a gente se dava muito bem. Mas ele começou a querer falar muito pra mim que a astrologia não era psicologia. Ele achava que a gente estava ali fazendo um curso e que não tinha que entrar com linguagem psicológica. Ele dizia que a linguagem psicológica era outra coisa. Você tinha que falar a linguagem astrológica, né, que não tinha nada a ver com ego, superego, com... consciente, inconsciente... tinha a ver com a coisa mágica, da mitologia (...) as minhas idéias, eu colocava muito... em que eu iria trabalhar usando a astrologia, que eu já estava com uma visão muito ampla do uso da astrologia (...) E comecei a estudar todo o final do ano de 90 e **comecei a trabalhar no comecinho de 91 com astrologia como recurso terapêutico para a psicologia**” (Astroterapeuta - grifo meu).

Sobre a Espiritualidade Terapêutica

A importância atualmente concedida à categoria “terapêutico” parece indicar uma autonomização da rede terapêutica alternativa em relação à nebulosa alternativa, através de um **descolamento** da técnica propriamente

dita em relação ao “caldo” de ordem cosmológica no qual se encontrava embebida. Essa delimitação entre técnica terapêutica e ordem cosmológica, quando ocorre, põe a primeira como suporte da segunda. Esta passa a ser um referencial de fundo, o que permite compreender a emergência do terapêutico como uma esfera de sentido própria, ao possibilitar, a partir da redefinição das várias cosmologias onde antes estava mergulhada, a emergência de uma cosmologia especificamente terapêutica, uma **espiritualidade terapêutica**. Trata-se de um movimento que propicia uma dinâmica de entrecruzamentos variados, com o transbordamento da dimensão terapêutica para além dos limites de seu universo de origem, possibilitando combinar, recombinar, sintetizar e inventar rearranjos de técnicas que tocam e interpenetram segmentos diversos, os quais mantêm entre si variados graus de afinidade e concorrência. A questão central, portanto, recai sobre a ênfase conferida à dimensão terapêutica, **que redefine a própria noção de espiritualidade** — pragmatizando-a, por assim dizer — e que comparece como núcleo da identidade e da prática desses profissionais⁸.

O processo de ampliação e autonomização da categoria “terapêutica”, ocorrido ao longo das duas últimas décadas, pode ser identificado a partir de momentos básicos de transformação.

O primeiro deles, que pode ser localizado em meados da década de 80, refere-se ao movimento de ascensão da nebulosa alternativa e sua decorrente visibilidade por diferentes segmentos da sociedade em geral, sobretudo na mídia — tanto televisiva como escrita —, apontando para uma reconfiguração desse universo em termos quantitativos e qualitativos. Como esclarece Weidner Maluf (1996), na Introdução de seu texto, esse movimento se caracterizou por uma abertura no acesso a práticas que antes se encontravam limitadas à circulação de grupos restritos e razoavelmente delimitados. Com o *boom* alternativo, que se estendeu até o final desta década, a circulação tornou-se mais intensificada e dinâmica, ao ponto de já não se poder mais rastrear, pelo menos com a facilidade anterior, antigas referências de nomes e lugares pelos quais o então iniciante deveria passar. Enfim, podia-se observar nesse contexto um certo transbordamento de práticas, vivências e experimentações de toda a ordem e para todos os gostos.

Pode-se dizer que, na virada da década de 90, esse transbordamento veio acompanhado também de um certo esgotamento da euforia inicial, pelo

⁸ Carvalho (1994: 90) identifica nos novos monoteísmos japoneses um movimento análogo, que ele identifica como “um estilo pragmático de manipulação de energia”.

menos por parte da mídia: a euforia incondicional da novidade parecia ter perdido o fôlego, cedendo lugar a uma postura cuidadosa de distância respeitável, quando não de uma política de desconfiança. Os jornais de grande circulação já não apresentavam o mesmo interesse dos anos anteriores pelo tema e as críticas que enfocavam alguns nomes-chave da nebulosa alternativa começaram a aparecer. Essa, no entanto, não deixou de crescer e se fortalecer, mas é justamente nesse contexto que se opera um segundo movimento de transformação interna, que pode ser caracterizado por uma valorização e autonomização crescentes da questão terapêutica no âmbito da fluidez espiritualizante, característica desse universo. A centralidade da questão terapêutica vem, desde então, ganhando novos contornos e redefinindo trajetórias e expectativas profissionais, não somente no âmbito da nebulosa, como também em outros segmentos terapêuticos mais ou menos sensíveis ao seu apelo espiritualizante — mas que não são oriundos dessa rede e que se entrecruzam posteriormente.

Construir uma perspectiva de análise que percorra os espaços sociais de fricção e deslocamentos — como é o caso dos terapeutas não-médicos — pode-nos auxiliar não somente a compreender as possíveis tensões e ambigüidades neles presentes mas, principalmente, apontar para a constante reelaboração de novos sentidos no âmbito da trajetória pessoal dos agentes. São novos códigos de conduta que se entrecruzam nos tênues espaços da experiência social, marcada por constantes rearranjos de orientações as mais diversas e que não implicam necessariamente o pertencimento a grupos definidos. Constituem, muitas vezes, configurações singulares que procuram confeccionar um sentido para uma trajetória rica e complexa, oscilando entre uma experimentação errante — que se articula de forma cumulativa com as experimentações anteriores — e, ao mesmo tempo, uma ruptura em relação a um “si mesmo” do qual o agente se deseja diferenciar. São trajetórias que problematizam as próprias fronteiras do processo de construção de identidades coletivas nos seus imbricamentos, com um espectro de possibilidades que envolvem o pertencimento descompromissado, a filiação, a adesão ou a conversão dos agentes. Enfim, essas indicações parecem ser nuances de um processo mais geral, convidando-nos a problematizar os meandros da relação entre a formação de identidades pessoais e coletivas.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CARVALHO, J. J. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (orgs.). *Misticismo de novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAMPION, F. Les sociologues de la post-modernité religieuse et la nébuleuse mystique-ésotérique. *Archives des sciences sociales des religions*, v. 67, n. 1, p. 155-169, 1989.
- _____. La nébuleuse mystique-ésotérique. In: CHAMPION, F.; HERVIEU-LÉGER, D. *De l'émotion en religion*. Paris: Éditions du Centurion, 1990.
- GREENFIELD, S. M. O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais. *Religião e Sociedade*, v. 16, n. 1-2, p. 136-145, 1992.
- LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P.-L. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LOUREIRO, M. Terapia com vegetais. *Homeopatia & Vida*, p. 5, maio 1995.
- LOYOLA, M. A. *Médicos e curandeiros. Conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- MAGNANI, J. G. C. O neo-esoterismo na cidade. *Revista USP*, n. 31, p. 6-15, 1996.
- MUSUMECI SOARES, B. *A homeopatia como espelho da natureza*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- RUSSO, J. *O corpo contra a palavra*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- SOARES, L. E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: SOARES, L. E. *O Rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- TAVARES, F. R. G. *Mosaicos de si. Uma abordagem sociológica da iniciação no tarô*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.
- _____. *Alquimias da cura. Um estudo sobre a rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do

Rio de Janeiro, 1998.

WEIDNER MALUF, S. *Les enfants du verseau au pays des terreiros. Les cultures thérapeutiques et spirituelles alternatives au Sud do Brésil*. Thèse (Doctorat en Anthropologie Sociale et Ethnologie) – Paris, E.H.E.S.S, 1996.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ZIMMERMANN, F. *Généalogie des médecines douces*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.